

**EFEITOS HUMANITÁRIOS DOS CONFLITOS ENTRE
FACÇÕES DO TRÁFICO DE DROGAS NUMA
COMUNIDADE DO RIO DE JANEIRO**

João Trajano Sento-Sé

Ignácio Cano

Andreia Marinho

Laboratório de Análise da Violência – UERJ

2006

APRESENTAÇÃO

O problema da violência é incorporado ao conjunto de questões prioritárias da agenda pública em meados dos anos 1980. Coincide com uma significativa reconfiguração do “mundo do crime”, caracterizada pelo crescimento do fluxo de recursos envolvidos no tráfico ilegal de drogas e pela emergência de grupos relativamente organizados disputando entre si os pontos desse comércio varejista nas favelas e comunidades pobres do Rio de Janeiro. Um novo problema traz consigo novos atores e intervenções também inéditas. Figuras ligadas ao tráfico como Escadinha, Sílvio Maldição, Meio-Quilo e Gordo engrossam a galeria de personagens folclóricos do crime, fundando uma linhagem que, a partir de então, faria predominar um tipo específico de criminoso, dedicado a um ramo que passaria a ocupar preferencialmente os debates em torno da violência.

Com o correr dos anos, as formas predominantes de abordagem da violência por parte de autoridades e gestores policiais se consolidou tendo como referência o tipo de enfrentamento escolhido para lidar com as facções que disputavam o comércio, àquela altura, em expansão. Guerra contra o tráfico, ocupação militar, combate ao Estado paralelo: esses foram alguns dos bordões que começaram a ser formulados no fim dos anos 1980 e nos primeiros anos da década posterior e que, ainda hoje, freqüentam os discursos de políticos, policiais, mídia e de parcela da opinião pública, quase reduzindo o problema da criminalidade e da violência no Rio de Janeiro a essa questão específica.

Acompanhar esse processo diacronicamente representa reconstituir a história do ponto da agenda pública que mais dramaticamente põe em xeque o Estado democrático brasileiro e evidencia as fragilidades de suas bases. Temos, por um lado, a formação de grupos que passaram a ter acesso cada vez maior a armas pesadas, utilizadas para garantir seus postos no negócio varejista da droga. Grupos que, com o tempo, se tornaram maiores, estruturados numa organizada divisão de funções entre seus membros, com relativa capacidade de incorporação de quadros, sobretudo juntos aos jovens e adolescentes das comunidades em que atuam. Por outro lado, temos o acirramento e, depois, a naturalização de uma abordagem agressiva por parte das forças policiais, alimentada pela consolidação da idéia de que se impõe a intervenção nas comunidades numa espécie de guerra urbana contra grupos criminosos. Posteriormente, temos o

estreitamento de relações promíscuas de certos segmentos do aparato policial com os chefes do tráfico. Tal promiscuidade é marcada pela ampliação de práticas de corrupção e chantagens, a difusão de procedimentos como o *arreglo*, a negociação da liberdade de figuras ligadas ao tráfico detidas por policiais e a negociação de armas e drogas apreendidas pelos primeiros para os segundos. Simultaneamente a essas práticas, relatadas por moradores e traficantes de praticamente todas as comunidades em que existe o comércio varejista de drogas, as incursões policiais com perfil militar se intensificaram, sob o pretexto de busca e apreensão de armas e drogas. Nelas, quase sempre marcadas por trocas de tiros entre traficantes e policiais, freqüentemente acabam ocorrendo baixas fatais entre moradores inocentes, encaradas pelas autoridades policiais como baixas inevitáveis de enfrentamentos de guerra.

A Rocinha é um dos muitos casos possíveis de que dispomos de documentação suficiente para o relato desse processo. A história do tráfico nessa comunidade pode ser encarada como paradigmática e passível de ser generalizada para outras comunidades da cidade. Encravada num bairro de alta classe média da cidade do Rio de Janeiro, contanto com uma população em torno de 50 mil habitantes, suas história e dramas das duas últimas décadas ilustram o movimento pelo qual o mundo do crime passa a ter no tráfico de drogas uma de suas principais atividades. Essa trajetória que acaba por levar a cidade a viver situações de conflito armado aberto, pode ser esquematizada da seguinte forma:

O comércio varejista de drogas em comunidades pobres deixa de ser relativamente pequeno passando a movimentar valores cada vez mais vultosos, principalmente quando aumenta o volume de cocaína comercializada;

Cria-se uma estrutura razoavelmente organizada, capaz de gerir um negócio em que ao aumento dos rendimentos daí auferidos equivalem a maior atenção da polícia e das autoridades, bem como a disputa por pontos estratégicos por parte de traficantes de outras localidades;

A ação da polícia leva à prisão dos principais chefes do tráfico, o que acaba por propiciar o surgimento de canais de comunicação e coordenação entre o tráfico e a população carcerária;

Prisões e disputas levam a baixas recorrentes nos primeiros escalões dos pontos de venda, o que, associado à ampliação do poder de recrutamento desses grupos, faz com que figuras cada vez mais jovens assumam posições de mando nas bocas de fumo;

A instabilidade gerada pelos três pontos anteriores torna os grupos vulneráveis, o que os obriga a armar-se preventivamente, contra a agressão dos grupos rivais e das ações policiais;

Embora os códigos do tráfico sejam tidos como extremamente rígidos, a instabilidade leva a traições e conflitos intra-grupos;

Legitimadas pelos clamores da opinião pública, as forças policiais naturalizam, em nome do combate ao tráfico, incursões armadas nas comunidades, gerando altas margens de insegurança e vulnerabilidade a sua população;

Como uma de suas estratégias de atuação, a polícia passa a extorquir dinheiro dos grupos do tráfico, condicionando a brandura das incursões ao pagamento de uma espécie de taxa, cujos montantes e regularidade variam a cada caso.

Nas páginas seguintes, descreveremos, com base em relatos extraídos da imprensa escrita, com ênfase no jornal *O Globo*, e depoimentos recolhidos de moradores e lideranças locais, a saga do tráfico de drogas da Rocinha. Reconstituímos essa história desde a ampliação do tráfico, encampada por aquele que foi seu primeiro líder a adotar um modelo de gerenciamento próximo ao que poderíamos qualificar como empresarial – Denir Leandro da Silva, o Dênis -, até os dias mais recentes, quando, com alguma regularidade, os conflitos decorrentes de disputas pelo controle do tráfico de drogas mantêm essa comunidade nas primeiras páginas dos jornais cariocas e nacionais quase permanentemente. Com tal relato, procuramos mapear os conflitos entre grupos rivais, as dinâmicas de ascensão e queda das lideranças, as cisões intra-grupos, as incursões policiais e, em relação a cada um desses aspectos, as percepções dos moradores e as conseqüências devastadoras desse fluxo aparentemente incontrolável de violências para a vida dessa comunidade.

É importante destacar o rendimento e os limites do material empírico com que trabalhamos. Os relatos da imprensa devem ser abordados com prudência. Eles não traduzem necessariamente os episódios tal como se passaram e freqüentemente adotam um tom espetacular na passagem do fato para a notícia. Ainda assim, para temas como o

tratado aqui, representam praticamente a única fonte para a reconstituição histórica. A coleta de depoimentos junto a lideranças e moradores da Rocinha apresentou um problema que nos surpreendeu. Foi difícil encontrar quem se dispusesse a tratar do assunto. A maior parte dos que aceitaram falar, recusaram que seus depoimentos fossem gravados. A principal alegação foi de que já estão fartos de dar depoimentos a jornalistas e pesquisadores. Segundo eles, o trabalho desses profissionais só concorre para benefício próprio e para denegri a imagem da comunidade, que fica marcada, injustamente, como violenta e dominada pelo tráfico. Ainda assim, conseguimos colher dez depoimentos, sendo que três foram gravados. Apesar do que alegaram, pudemos perceber, também, um certo receio de que o trabalho a ser feito a partir de seus depoimentos pudesse ganhar publicidade e comprometê-los diante da comunidade e do tráfico.

As dificuldades encontradas não minimizam o rendimento analítico do que encontramos. De certo modo, são parte do material que lança algumas luzes sobre o problema em pauta. Qual a extensão dos efeitos dos conflitos em torno do tráfico no cotidiano e no associativismo na Rocinha? Qual o custo humanitário desse confronto armado que se instituiu desde meados dos anos 1980 e perdura até hoje nessa comunidade. O silêncio quase obstinado dos moradores deve ser encarado como uma das conseqüências a serem levadas em conta. Vejamos, porém, como se desenrola essa história, desde seus primeiros capítulos.

O ADVENTO DE UM GRANDE NEGÓCIO

No início dos anos 1980, havia na Rocinha duas bocas de fumo. Uma delas, na Rua 1, no alto do morro, e outra, na estrada dos Boiadeiros, uma das duas avenidas de acesso à comunidade pela sua parte baixa, em São Conrado. Uma delas era comandada por Denir Leandro da Silva, conhecido por Dênis. A outra tinha Paulo César Venerando, o Emanué, como dono. A morte desse último, em 1984, fez com que Dênis passasse a controlar sozinho todo o negócio. Tudo indica que foi Dênis quem imprimiu e consolidou uma lógica proto-empresarial ao comércio varejista de drogas na Rocinha. Sua autoridade foi imposta pela combinação de iniciativas assistencialistas e do uso da força. Pela primeira, instituiu a distribuição de cestas básicas e medicamentos, financiou despesas como enterros para os moradores mais pobres da comunidade, distribuiu

brinquedos para as crianças em datas festivas e remédios para os doentes. Pela segunda, eliminou concorrentes reais ou potenciais, impôs restrições à livre circulação de moradores, quando julgou necessário. Confrontado por antiga e querida liderança local, assassinou-o sem piedade, dando um recado a todos os que porventura cogitassem incorrer no mesmo erro.

O negócio varejista de drogas, com Dênis à frente, foi tão bem sucedido que ele deu-se ao luxo de praticar o primeiro arrendamento voluntário de que se tem notícia no negócio do tráfico. Em torno de 1986, Denis arrendou as bocas de fumo da Rocinha para Dedé. Em troca de um pagamento mensal ao verdadeiro dono do negócio, Dedé poderia explorar o comércio de drogas a seu modo. Segundo relatos, Dênis foi morar no Paraguai e, depois, passou uma temporada na Europa. Em ambas, segundo antigo comerciante local, ocupou-se em estabelecer contatos para participar de conexões internacionais do tráfico. Aparentemente, não foi muito bem sucedido.

No início do 1987, contudo, Dedé deixou de honrar seu compromisso com Dênis, recusando-se a seguir pagando o combinado. Em fevereiro desse ano, Dênis retornou à Rocinha, matou o antigo sócio e retomou seus negócios. Beto Falcon, irmão e cúmplice de Dedé, fugiu para a favela do Rebu, em Senador Camará. Ali, recrutou cúmplices para uma tentativa mal sucedida de retomada das bocas das mãos de Dênis. Ao longo de uma semana, confrontos pesados entre os grupos rivais impuseram o pânico e praticamente paralisaram a comunidade. Moradores foram expulsos, o toque de recolher foi imposto por Dênis e cerca de quinze pessoas foram mortas. Segundo informações dadas pela polícia, a maior parte era de pessoas ligadas ao grupo de Beto Falcon. Dênis consegue retomar, naquele momento, o comando dos negócios, mas meses após, em julho do mesmo ano, é capturado pela polícia em Florianópolis. Da prisão, Dênis segue controlando o tráfico na Rocinha, mas, desde então, teria várias dificuldades e, recorrentemente, teria que lidar com a insubmissão e a traição.

A primeira delas se dá já em setembro de 1987. Fernando José de Brito Lima, o Fernandinho, ocupa alguns pontos da favela, em sua parte baixa e, segundo descrição de Jorge Antonio Barros, repórter do Jornal do Brasil, implanta o terror na Rocinha. Um comerciante depôs ao jornalista que descreve a entrevista nos seguintes termos :

“Estou sentindo que estamos à beira de uma revolução que pode estourar a qualquer momento, entre o grupo de Denis e do Fernandinho.- disse o comerciante, admitindo que em mais de uma década de Rocinha jamais assistiu ao que tem ocorrido nas duas últimas semanas: comerciantes achacados por bandidos, um assalto à feira livre permanente no Largo do Boiadeiro, em plena manhã de domingo, e ameaças e até expulsão de comerciantes que ousaram denunciar os crimes”¹

Curiosamente, embora as notícias dos jornais impressos veiculassem invariavelmente um clima de intranquilidade sempre que havia incursões na favela, a reportagem citada menciona que nenhum registro de ocorrência havia sido feito, denotando, simultaneamente, medo de represálias por parte dos traficantes e falta de confiança na polícia. No contexto dessa nova guerra, o jornal *O Globo*, em sua edição de 15 de setembro, relata a chacina de três pessoas, um homem e duas mulheres, e o seqüestro de um homem, “para ser executado no lugar da traição”, pelo bando de Dênis. Um quinto homem também foi baleado, mas escapou com vida fingindo-se de morto.

As disputas e traições pelo controle do tráfico na Rocinha se sucedem. Cabeludo, traficante que protagonizou disputa pelos pontos de venda no Santa Marta, em Botafogo, transfere-se para a Rocinha e, por breve período, parece comandar o tráfico local, estando a frente de uma série de confrontos com outros traficantes e com o dono dos pontos de bicho da comunidade, Luís Carlos Batista. Em 1988 é morto em plena luz do dia, em movimentada avenida do bairro da Tijuca. Antes disso, porém, no curto período em que Cabeludo controlou o tráfico na Rocinha, um homem é encontrado morto com um tiro no pescoço, seu lugar tenente é morto em confronto com a polícia e se instaura um conflito entre o tráfico e o jogo do bicho.

Os conflitos entre traficantes e o dono dos pontos de bicho marcaram a comunidade, no final dos anos 1980. Segundo relatos de moradores levantados por jornalistas, o dono dos pontos de jogo do bicho, Luís Carlos Batista, recusava-se a doar parte de seus ganhos para as “benfeitorias” patrocinadas por Dênis. Esse confronto, que levou ao fechamento dos pontos de aposta por alguns dias e a uma reunião da cúpula do jogo do bicho com o tráfico local, se estendeu por um bom tempo e concorreu para a

¹ Jornal do Brasil, P. 4; Caderno Cidade; 10 de setembro de 1987.

insegurança dos moradores. Aparentemente buscando demonstrar força, o tráfico acabou levando a melhor e confirmando seu poder na comunidade. Isso não impediu, contudo, que as cisões internas levassem a repetidas execuções. Em novembro de 1988, dois traficantes conhecidos como Cado e Vovô, foram mortos a mando de Dênis. Ao que parece, o primeiro, que fora gerente do grupo, devia dinheiro à boca e suspeitava-se que pretendia assumir o controle dos negócios.

O que se pode perceber, logo no período de consolidação da força do tráfico na comunidade, é que, a despeito do aumento do volume de armas, da incorporação de armas pesadas a seu arsenal e da aparente ascendência sobre a comunidade, a manutenção da hierarquia de comando é razoavelmente precária. Preso, aquele considerado o principal chefe do comércio de drogas vê-se, a todo momento, acossado pelo risco da traição, o que imprime uma rotatividade enorme entre seus lugares tenentes e uma rotina de assassinatos de membros de seu grupo. Essa tendência revela uma grande precariedade da estrutura dos grupos do tráfico, raramente reconhecida por autoridades, jornalistas e pela população em geral. Ao mesmo tempo, e em descompasso com tal precariedade, a atuação dos traficantes começa a espetacularizar-se, reforçando os indícios de fragilidade e revelando outros aspectos de seu funcionamento. O episódio envolvendo o período de liderança de Bolado é emblemático para o que tentamos explicitar.

ASCENSÃO E MORTE DE UM “JOVEM TALENTO”

Ainda em 1988, cinco figuras ligadas a Denis ganham destaque na mídia por estarem na linha de frente do tráfico: Bolado (novo chefe de confiança de Denis), Buzunga (um homem forte retratado como extremamente violento e consumidor de cocaína), Naldo (descrito como o mais articulado e comedido do grupo), Cassiano e Brasileirinho (um garoto de 11 anos, que desfilava pela comunidade “armado até os dentes”). O nome de Bolado aparecia esporadicamente como um homem de destaque na hierarquia do tráfico já em 1987. Ele era próximo de Cabeludo, no curto período em que este atuou na Rocinha, e foi mencionado repetidas vezes como pessoa de confiança de Dênis. Também aparecia com frequência em notícias do conflito entre o tráfico e o bicheiro local. Descrito como um jovem impetuoso e inteligente, Bolado assume a

liderança do tráfico no início de 1988. Em abril, chega ao estrelato. Seu perfil é apresentado em jornais como *O Dia* e *O Estado de São Paulo*. Curto estrelato: em maio desse mesmo ano, é assassinado, cumprindo, precocemente, o destino traçado para praticamente todos os seus pares.

A morte de Bolado é um episódio ilustrativo de vários aspectos da dinâmica do tráfico. Ele é morto quando se encontra com Lagarto, personagem obscuro do mundo do crime que aparece e some diversas vezes do noticiário policial da época. A primeira versão era de que Lagarto tinha uma dívida com o tráfico e se encontrara com Bolado para acertar as suas contas. Ainda segundo a primeira versão, Lagarto teria, de modo traiçoeiro, ferido Bolado mortalmente. Os seguranças de Bolado, entre eles Naldo, teriam reagido, matando um jovem de classe média que acompanhava Lagarto e ferido este último que, mesmo baleado, conseguiu fugir.

A morte de Bolado causou impacto. Vários ônibus foram fretados para que os moradores acompanhassem seu sepultamento. De fato, a comunidade compareceu em peso. Na hora prevista para o sepultamento, os quatro cúmplices mais próximos de Bolado (Naldo, Cassiano, Buzunga e Brasileirinho), vestidos de branco, fizeram uma salva de tiros em homenagem ao amigo morto do alto da Rocinha. Foi uma clara manifestação de força e de desafio à polícia. Possivelmente avisada do que ocorreria, a imprensa registrou a homenagem e exibiu-a com estilo. Temos, então, uma das primeiras manifestações ostensivas por parte de traficantes do total destemor quanto a possíveis ações repressivas da polícia. A reação policial anteciperia o modo de operar a ser adotado a partir de então.

Os quatro remanescentes do grupo comandado por Bolado foram caçados implacavelmente pela polícia em repetidas batidas. Todos, um a um, foram caindo. Primeiro Buzunga, depois Naldo e Brasileirinho. Por último, Cassiano. Finalmente, o episódio da morte de Bolado traz à tona outra marca do funcionamento dos grupos ligados ao tráfico. Internado no Hospital Miguel Couto em decorrência do ferimento à bala que sofrera, Lagarto denuncia que não fora ele quem atirou em Bolado, mas seu braço direito e sucessor, Naldo. Afirmou, ainda, que tal atitude de Naldo fora determinada por Dênis, da prisão. O chefe do tráfico temia a ascensão de seu subordinado e receava que ele lhe tomasse definitivamente o controle do negócio. A

ordem foi cumprida por Naldo, que matou seu parceiro motivado pela ambição e desejo de não desautorizar Dênis. Após alguns dias de dúvidas, a versão de Lagarto acabaria por ser assumida como verdadeira. Uma antiga liderança, em entrevista a nós concedida, confirmou-a peremptoriamente. De novo, a traição, a instabilidade e a desconfiança mútua aparecem como elementos constitutivos do funcionamento de um dos grupos tidos como dos mais bem equipados e articulados no mundo do tráfico do Rio de Janeiro.

Para manterem-se no poder, os chefes procuram colaboradores dotados de determinadas virtudes, como a intrepidez, o sangue frio, a ambição e o destemor. Essas mesmas virtudes, porém, acabam fazendo com que esses mesmos colaboradores passem a ser vistos, a partir de um dado momento, como ameaças potenciais a sua liderança, sobretudo no caso do chefe estar preso. O temor leva à eliminação preventiva e a recorrentes desarticulações do esquema em vigor. Com isso, a comunidade fica à mercê dos conflitos e da instabilidade cíclica. Antes do ano de 1988 terminar, todos os quatro parceiros de Bolado estavam mortos. O controle do tráfico passaria pelas mãos de Beto Falcon, irmão de Cado, morto no ano anterior por Dênis, e por Charles, um jovem de dezoito anos, simples olheiro quando do comando de Bolado. Nascido na comunidade, Charles pautaria seu domínio pela violência e intimidação. Expulsou moradores de suas casas, ameaçou comerciantes, implantou o pânico. Foi durante o curto período em que Charles circulou pela Rocinha com seu chapéu côco e portando fuzil que encontramos o primeiro registro de tentativa de ocupação da Rocinha por traficantes do Vidigal, morro vizinho. Ao todo, durante o segundo semestre de 1988 e nas diversas alternâncias de controle do tráfico na Rocinha, foram registradas na imprensa a morte de onze pessoas, dentre as quais o irmão de Charles, de 14 anos, a esposa de um assaltante que se filiara ao tráfico do Vidigal e um policial militar.

O curto reinado de Charles – de quem nenhum morador por nós entrevistados se recordou – desfaz um outro mito alardeado por autoridades e pela mídia: a de que o traficante, quando nascido na comunidade em que atua, tende a ter uma relação de cumplicidade com seus moradores. Charles sumiu do mesmo modo que apareceu no noticiário: repentinamente, sem deixar vestígios e sem demonstrar qualquer lealdade a quem quer que fosse. Como rastro seu, deixou apenas a certeza da fragilidade de um

outro lugar comum sobre os conflitos pelo controle do tráfico: a de que somente aqueles que estão nele envolvidos são arrastados pela lógica violenta que lhe é inerente.

Já mencionamos anteriormente a enorme resistência de moradores e líderes locais abordarem a questão do tráfico. Para eles, retomar o assunto só contribui para reforçar estigmas que pesam sobre a comunidade e alimentar o interesse mórbido pela face obscura de sua vida. Em todos os depoimentos que colhemos, o tráfico foi abordado como um assunto que só diz respeito àqueles nele envolvidos. Do mesmo modo, houve consenso de que somente quem está de algum modo envolvido com o tráfico é atingido pela violência que lhe é inerente. Não temos como rejeitar essa tese de forma categórica, mas é possível qualificá-la. No mínimo, podemos afirmar que um laço de parentesco ou amizade com alguém ligado direta ou indiretamente ao tráfico pode ser razão suficiente para que se seja mais uma vítima, ainda que circunstancial, de acertos de conta, traições ou simples vingança.

A história da ampliação e consolidação do tráfico de drogas na Rocinha é um enredo marcado por ascensões e quedas rápidas, traições, alternâncias de grupos rivais no controle dos negócios, enfrentamentos com a polícia e mortes, muitas mortes. A maior parte delas de homens jovens, moradores da comunidade e com vínculos diretos ou indiretos com o tráfico. Apesar da instabilidade apontada, a Rocinha se consolidou como ponto importante do comércio varejista da droga e, no início dos anos 1990, passa a ser alvo de incursões recorrentes dos grupos estabelecidos na comunidade vizinha: o Vidigal.

A primeira tentativa de tomada da Rocinha por um grupo do Vidigal se deu exatamente quando Charles controlava a primeira. Curiosamente, tal tentativa foi orquestrada por Dênis, a quem o jovem traficante não reconhecia como chefe. Em 1990, Eraldo Souza da Silva assume a Rocinha após matar Petsy Leandro da Silva, irmão de Dênis. Vinculado ao Terceiro Comando (é nesse período que as facções se consolidam), Eraldo controla pessoalmente a Rocinha até 1992, quando é preso. Shogun, seu sucessor de 19 anos, é morto, possivelmente por Gato, primo de Dênis e chefe do Vidigal. Durante esse ano e o seguinte, ocorrem várias tentativas de retomada da Rocinha pela quadrilha do Vidigal, ligada a Dênis e ao Comando Vermelho. Somente no primeiro semestre de 1993, temos o registro de 12 mortes, a paralisação das aulas em

duas ocasiões, a antecipação das férias escolares no mês de julho e um caso de um menino de 4 anos, usado como escudo durante uma troca de tiros, que fica paraplégico. A luta pelo controle extravasa a disputa entre chefes ambiciosos e impetuosos e passa a ser pautada por estratégias de três grandes facções: o Comando Vermelho, o Terceiro Comando e os Amigos dos Amigos.

O CONFRONTO DE FACÇÕES

A história das facções do tráfico de drogas no Rio de Janeiro é uma mistura de relatos, fantasias, auto-construções operadas por personagens do mundo do crime e lacunas difíceis de serem preenchidas. É pouco provável que se possa reconstituir tal enredo com precisão e com bases documentais sólidas. Ela costuma ser remontada aos anos 1970, quando presos políticos compartilhavam as galerias do presídio da Ilha Grande com criminosos comuns, em geral condenados por assalto a bancos. Ambas as modalidades de crime eram enquadradas na já extinta Lei de Segurança Nacional. Desse contato teria havido um processo de organização dessa parcela da massa carcerária (aqueles que estavam enquadrados na LSN sem serem propriamente presos políticos), com o intuito de resistir aos arbítrios de que eram vítimas, prover a população com bens básicos e de organizar fugas. Nascia a chamada Falange Vermelha. Uma dissidência desse grupo original teria dado forma à Falange do Jacaré.

É importante ressaltar que, nesse momento (fim dos anos 1970 e início da década posterior), os assaltantes de banco representavam o segmento mais prestigiado do mundo do crime. Ao que tudo indica, quando os primeiros grandes chefes do tráfico caem e ingressam no mundo prisional, se aliam a esse grupo original detendo o razoável poder conferido pelos ganhos obtidos com o negócio da droga. Da denominação do primeiro grupo, surge o Comando Vermelho. A nova articulação protagonizada pelos principais chefes do tráfico de drogas conhece logo uma dissidência que, uma vez articulada, autodenomina-se Terceiro Comando (para diferenciar-se da antiga Falange do Jacaré que, a essa altura, já não existia mais). Em 1996, Orlando Jogador, chefe do Complexo do Alemão e um dos mais prestigiados membros do Comando Vermelho em liberdade, é assassinado por um comparsa, o Uê. Isolado de seus antigos aliados, Uê cria o ADA, os Amigos dos Amigos.

Apenas a partir do início dos anos 1990, o carioca começa a ter tais organizações freqüentando regularmente o noticiário policial. É possível que elas tenham surgido da combinação perversa de poder financeiro dos traficantes, porosidade do sistema prisional e corrupção policial. No caso da Rocinha, esse período é marcado por sucessivas tentativas de tomada dos pontos de venda por grupos rivais do Comando Vermelho e de seguidos confrontos entre traficantes e polícia. Durante todo o tempo, porém, Dênis conseguiu, ainda que com dificuldades, manter o controle de seu território, salvo em breves lapsos de tempo, quando um ex-colaborador ascendia ao comando e decidia não prestar-lhe contas. Esses casos tiveram em geral o mesmo desfecho; alguém de dentro da própria quadrilha fuzilava o chefe e Dênis retomava o rumos.

Há nessa virada, cujo marco definitivo data do final dos anos 1990, duas passagens que distinguem o novo período daquele tratado anteriormente: o episódio da morte de Dênis e os conflitos deflagrados em 2004, cujos desdobramentos se estendem até os dias atuais.

Dênis foi morto no interior do presídio de segurança máxima Bangu I, em janeiro de 2001. Seu destino foi o mesmo de outros traficantes célebres, como Uê, Japonês, Marcinho VP, etc. Há indícios de que foi executado a mando de Fernandinho Beira-Mar, então foragido na Colômbia. A razão: Fernandinho queria fazer da Rocinha um entreposto do atacado da droga, imiscuindo-se, assim, na área de Dênis. A recusa de Dênis apenas antecipou o seu destino, a julgar pelo padrão de interação observado entre os grandes traficantes varejistas, quando se associam para atuar numa mesma área.

Temos nesse episódio o conflito entre o espírito expansionista de um traficante com evidentes conexões internacionais e um outro, ex-parceiro comercial, membro do mesmo comando, a quem os anos de prisão acabaram por tornar uma espécie de comerciante local. Por outro lado, o desfecho da contenda se assemelha às dinâmicas observadas nos anos 1980: a traição e o confronto de duas personalidades que querem manter ou ampliar sua zona de influência resultando no assassinio de um deles pelo outro.

Outro episódio é também ilustrativo da nova fase, que perdura. Na Sexta-feira Santa de 2004, um grupo comandado por traficante conhecido como Dudu tenta tomar a Rocinha. Na ocasião, o líder da Rocinha era Luciano Barbosa dos Santos, o Lulu.

Eduíno Eustáquio de Araújo Filho, o Dudu, fora membro da quadrilha de Lulu e saíra dias antes da prisão. Aparentemente, ao tentar ocupar a Rocinha cumpria determinação de um chefe do tráfico preso no Complexo de Bangu (segundo a imprensa, a ação poderia ter sido determinada por Gangan). Para realizar a ocupação, Dudu recrutou homens em várias outras favelas do Rio (Vigário Geral, Andaraí, Borel, favelas da grotta e da Fazendinha), reunindo cerca de 60 homens.

A ação teve desfecho trágico. Ao menos quinze mortes e vários feridos. O Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (BOPE) interveio no confronto e ocupou a Rocinha. Dentre os mortos, o skatista Wellington Silva, a babá Fabiana dos Santos de Oliveira e a mineira recentemente radicada no Rio de Janeiro, Telma Veloso Pinto. Essa última foi assassinada na Avenida Niemeyer, momentos antes da invasão, pelo grupo de Dudu. Além dessas quinze pessoas, dois policiais militares tombaram.

O grupo de Dudu foi rechaçado e Lulu morreu em troca de tiros com os homens do BOPE que ocuparam a comunidade por semanas.

A morte de Dudu foi o estopim para um prolongado período de conflitos e disputas na Rocinha e de confrontos entre grupos dessa comunidade contra o grupo da favela vizinha, o Vidigal. Logo após a morte de Lulu, André da Costa Brito, o Zarur, assumiu o controle do tráfico. Durou pouco, foi morto por comparsas e a quadrilha cindiu em duas. A parte de baixo ficou sob o controle de Bem-Te-Vi, e a parte de cima, dominada por Lion.

Note-se aí que ambos faziam parte da quadrilha de Lulu e o mote da discórdia foi a mudança de facção, defendida por Lion. As mortes de Lulu e Zarur desorganizaram a estrutura do tráfico. A partir de abril de 2004, a Rocinha foi palco de diversas tentativas de invasão a partir do Vidigal, de incursões violentas da polícia (sobretudo com o uso do BOPE) e de confrontos entre os dois grupos que cindiram. Após, Bem-Te-Vi conseguiu, finalmente, reunificar o tráfico local, expulsando Lion da comunidade. Permaneceu, contudo, sendo alvo de tentativas de ocupação. Como resposta, passou a fazer incursões ao Vidigal, buscando controlar o comércio de drogas naquela comunidade.

Em outubro de 2005, meses após a reunificação das bocas, Bem-te-Vi é executado por policiais civis quando fazia sua “ronda” na comunidade em que nascera. Quarenta e oito horas depois de ser investido da chefia, Orlando José Rodrigues, o Soul,

é assassinado por seus cúmplices. Segundo relatos, Soul foi assassinado em cumprimento a uma determinação do próprio Bem-Te-Vi, ainda em vida, que suspeitava de seu auxiliar.

De abril de 2004, quando da invasão espetacular da Rocinha e da morte de Lulu, a outubro do ano posterior, foram registradas ao menos 38 mortes decorrentes dos confrontos entre quadrilhas e dessas com a polícia. Entre os mortos, pelo menos quatro vítimas nada tinham a ver com qualquer uma das partes em conflito. Após a morte de Bem-Te-Vi, os confrontos se estenderam até os primeiros meses de 2006, com a ocorrência de outras baixas tanto na Rocinha, quanto no Vidigal. Depois de um primeiro semestre conturbado, porém, a Rocinha voltou, aparentemente, à calma que vigora, ao menos temporariamente, até o momento em que esse relatório é produzido.

IMPACTOS DOS CONFLITOS E CAPACIDADE DE RESISTÊNCIA DA COMUNIDADE

Perguntado sobre os efeitos dos recorrentes conflitos e guerras envolvendo o tráfico de drogas na Rocinha, uma conhecida liderança local comenta:

“(...) a gente não precisa deles pra nada, porque nós não pedimos nada, então eles não nos pedem nada. Uma coisa interessante é que eles não se metem em alguns conflitos (sic), eles mesmo encaminham pra cá. Em momentos de separação, mulher querendo pensão, etc. Agora, eles sabem que o direito é o caminho, que existe uma solução legal que pode estar orientando(...) É só não Ter muito movimento com eles que eles não mexem com a gente.”

O depoimento de nosso informante é paradigmático: todos aqueles que aceitaram conversar sobre o tráfico na comunidade procuraram minimizar o problema. Foram unânimes em afirmar que os conflitos entre traficantes são dirimidos entre eles e não atingem ninguém que não faça parte do tráfico. Insistiram na relação de respeito ou total indiferença entre traficantes e moradores em geral. A variação de tal postura só é dada por aqueles que simplesmente se recusam a falar do tráfico ou de qualquer coisa relativa a ele.

Em relação ao impacto dos conflitos referentes ao tráfico na rotina da população e no associativismo local, o tom segue o mesmo. Todos foram enfáticos sobre o respeito com que traficantes lidam com as iniciativas locais, buscando, inclusive, não se imiscuírem no funcionamento dos serviços ali ofertados.

De fato, a Rocinha é uma comunidade que, comparativamente a outras com perfil semelhante, dispõe de razoável equipamento de serviços, e iniciativas comunitárias em volume bastante expressivo. Levantamento obtido junto a um desses órgãos (ASPA, creche criada por iniciativa da Igreja e hoje em funcionamento graças a contribuições e doações de membros da comunidade) registra quase duzentos programas e instituições como creches escolas, públicas e cooperativas de diversas naturezas. São, segundo relatos, três associações de moradores existentes no local. Caminhar pelas ruas e vielas da comunidade nos põe em contato com um fluxo frenético de pessoas indo e voltando, toda a sorte de comércio, três agências bancárias, agência do correio, de crédito comunitário, entre muitos outros. A tabela abaixo lista alguns deles diretamente relacionados a iniciativas sociais oficiais ou comunitárias.

Instituições Rocinha

	Instituição	Endereço
1	Associação Comercial Industrial do Bairro (ACIBRO)	Via Ápia, 8 loja B
2	Associação de Moradores do Laborioux e Vila Cruzado	Rua maria do Carmo, 15
3	Associação de Mulheres da Rocinha	Travessa Esperança, 37/201
4	Associação de catadores de Material reciclável da Rocinha	Rua berta Lutz, 80
5	Casa da Paz (Governo do Estado)	Estrada da Gávea, 484
6	Estação Futuro / Viva Rio	Caminho do Boiadeiro, 19
7	Instituto Rumo Certo	Estrada da Gávea, 147 Clube Umuarama
8	Projeto Vida Nova (Governo do Estado)	Ciep Ayrton Senna
9	Ong Rocinha XXI	Caminho do Boiadeiro, 19/201
10	União de Mulheres da Rocinha	Estrada da Gávea, 324 Rua 2 n.15
11	União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha (UPMMR)	Travessa União, 37
12	Casa da Cultura da Rocinha	Rua 1, n.259

13	Coral Infantil da Rocinha	Rua Maria do Carmo s/n. Escola M. Abelardo Barbosa
14	Biblioteca Pública Infantil Mário Lago (Prefeitura)	Estrada da Gávea, 242
15	Escola de Música da Rocinha	Av. Niemayer, 776 – 17 andar São Conrado
16	Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha	Rua Bertha Lutz, 80
17	Grupo Viva a Vida da Terceira Idade	Estrada da Gávea, 432
18	Grupo Roça Caça Cultura	Travessa da Liberdade, 8/101
19	Grupo de Break Consciente da Rocinha (GBCR)	Auto-estrada Lagoa Barra, 15
20	Grupo de Repentistas da Rocinha	Largo do Boiadeiro, s/n.
21	Escolinha de Grafite da Rocinha	Servidão leste, 27
22	SBR Rocinha Radical	Estrada da Gávea
23	Transformart / Teatro	
24	Balcão de Direitos / Viva Rio	Caminho do Boiadeiro, 25 Andar 3
25	XXVII Administração Regional da Rocinha (Prefeitura)	Estrada da Gávea, 242
26	Posto de Orientação Técnica, Social e Urbanística (Prefeitura)	Estrada da Gávea, 242
27	CEDAE – Posto Técnico (Governo do Estado)	Estrada da Gávea, 246
28	Instituto Metodista de Ensino Suzana Wesley	Caminho do Boiadeiro, 25
29	Ação Social Padre Anchieta (ASPA)	Travessa Luz, 13
30	CEMASI Creche Castelinho	Travessa Samaritana, 22
31	Centro Comunitário Rua Dois	Rua 2, s/n.
32	Centro Comunitário Alegria das Crianças	Rua 2, n. 4 31 - Raiz
33	Centro Comunitário da Rua 1 União faz a força	Estrada da Gávea, 25 – Rua
34	Centro Social E aí como é que fica?	Estrada da Gávea, 225
35	Ciep Bento Rubião	Estrada da Gávea, 520
36	Ciep Ayrton Senna	Auto-estrada Lagoa Barra, 15
37	Creche Maria Helena	Travessa Esperança, 12
38	Creche Maria Maria	Estrada da Gávea, 259 – Rua 1, n.52
39	Escola Comunitária Iacyra Frazão Prefeitura	Rua Maria do Carmo, 7
40	Escola Municipal Abelardo Chacrinha Barbosa	Rua Maria do Carmo s/n
41	Creche Comunitária da Vila do Laboriaux	Rua Maria do Carmo, 15
42	Escola Municipal Paula Brito	Rua Dionéia s/n.

43	Associação de Moradores e Amigos do Bairro de Barcellos (AMABB)	Travessa Palmas, 3
44	Paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem (PACS/DOTS)	Estrada da Gávea, 445
45	OS Albert Sabin Prefeitura	Estrada da Gávea, 250
46	Destacamento de Policiamento Ostensivo da Rua 2	Rua 2 s/n.
47	Destacamento de Policiamento Ostensivo da Estrada da Gávea	Estrada da Gávea, 489
48	Centro de formação profissional da Rocinha	Servidão Leste, 27 – andar 4
49	Fundação Aurora para trabalhos comunitários	Estrada da Gávea, 250 – Rua 1
50	Coopa-Roca (Cooperativa de costureiras da Rocinha)	Rua 1 BC 1/5 casa 17
51	SEBRAE – Balcão Rocinha	Via Ápia, 8 loja B
52	Transportes Amigos Unidos 5 linhas de ônibus coletivo	Estrada da Gávea, 428
53	Cooperativa de Kombis da Rocinha Coop-Roc	Estrada da Gávea, 523
54	TV Roc (canal de TV e TV a cabo)	Estrada da Gávea, 827
55	Rádio Brisa	Estrada da Gávea, 554 – Vila Verde
56	Rádio Katana FM	Estrada da Gávea, 520
57	Rádio Rocinha	Travessa Mesopotâmia, 25B
58	Jornal Rocinha Notícias	Caminho do Boiadeiro, 19/201
59	Viva Créd	Travessa Liberdade, 19
60	Comlurb	Avenida Aquarela do Brasil
61	Light/PRONAI	Caminho do Boiadeiro, 19
62	Carteiro Amigo Cidade Nova	Travessa União
63	Johrei Center Rocinha	Caminho do Boiadeiro, 31
64	Centro Comunitário Morro da Alegria	Estrada da Gávea, 159 – Roupa Suja
65	União das Mulheres da Roupa Suja	Roupa Suja
66	Creche Pingo de Gente	Estrada da Gávea, 199
67	Correio oficial	Estrada da Gávea, 250
68	Correio Zig-Zag	Estrada da Gávea, Rua 1
69	Jardim de Scheila (Maria de Nazaré)	Ria 1, beco 1
70	Carteiro Amigo	Rua 2, n.56
71	Rádio Comunitária Águia Li	Travessa Vale, 88 - Cachopa
72	Igreja Episcopal Anglicana do Brasil	Estrada da Gávea, 52 Largo da Vila Verde

Educação Infantil
Instituições Rocinha
(atualizada em 11 de junho 2005)

	Instituição	Endereço
73	Creche Pingo de Gente ▲	Estrada da Gávea, 199
74	C Espírita Cristã Maria de Nazaré (Jardim Sheila) (Tia Vera)	Estrada da Gávea, Rua 1
75	Creche Maria Maria * ▲	Estrada da Gávea, 259
76	CEMASI Iacyra Frazão	Estrada da Gávea, 250 casa 7 Rua Maria do Carmo, 14
77	União Faz a Força ▲	Estrada da Gávea, 259
78	E aí, como é que fica? * ▲	Estrada da Gávea, 229
79	Tico e Teco ▲	Estrada da Gávea, 250 Rua Maria do carmo, 55
80	CEMASI Creche Rua Dois	Rua Dois, 59 beco 2
81	Creche Dois Irmãos ▲	Estrada da Gávea, 310
82	Jardim Escola Gotinhas do Saber	Rua Dois, 129
83	CEMASI Creche Castelinho	Travessa Samaritana, 22
84	ABC Jardim Escola Brincando e Aprendendo ▲	Estrada da Gávea, 428
85	Creche ASPA ▲	Travessa da Luz, 13
86	AMAS Associação Metodista de Ação Social (Instituto Metodista de Ensino Susana Wesley) ▲	Largo do Boiadeiro, 25
87	Centro Comunitário Alegria das Crianças ▲	Rua Dois, 431
88	Creche Maria Helena * ▲	Travessa Esperança, 12
89	Creche Comunitária Morro da Alegria *	Estrada da Gávea, 159
90	Jardim Escola Centro Social Tia Uega	Travessa Esperança
91	Escola Pintando o Sete ▲	Travessa Roma, 34 / 201
92	Formiguinha Recreação e	Servidão Leste, 10

	Ensino (Metodista)	
93	Creche Arte Tio João ▲	Rua Dois
94	Recanto Lápis de Cor ▲	Via Ápia, 38
95	Jardim-Escola Turma da Mônica ▲	Caminho do Boiadeiro, 17
96	Creche Primavera ▲	Estrada da Gávea, 479
97	Saci Sabe Tudo ▲	Travessa Liberdade, 10
98	Escola Moranguinhos	Travessa Roma, 42
99	Creche ou Jardim Escola Pirilampo ▲	
100	Creche Escola Espaço Crescer ▲ (Igreja Batista)	Estrada da Gávea
101	Jardim Escola Oficina da Criança ▲	Rampa da Cachopa
102	Companhia Florescer ▲	Estrada da Gávea, 415
103	Creche Cantinho de Deus	
104	Creche Escola Cantinho de Aprender ▲	Estrada da Gávea, 518
105	Creche Escola Sonho Realizado	Estrada da Gávea, 419
106	Semente de Girassol ▲	
107	Centro de Recreação Catavento Mirim ▲	Estrada da Gávea, 483
108	Creche Coelhoinho Vermelho	Estrada da Gávea, 369, c/2B
109	A Casa Flinststone	
110	Sossego/Aconchego da Mamãe	
111	Creche-Escolinha Sonho Encantado ▲	Estrada da Gávea, 407 Travessa Oliveira
112	Arco-Íris	
113	Piu-Piu (fechou)	
114	Sonho Meu	Travessa da Luz
115	Casa de Eurípedes	
116	Nana Neném ▲	
117	Hotelzinho	Travessa Mesopotâmia
118	Escola Sementinha do Futuro ▲	Travessa Mesopotâmia
119	Paraíso Infantil	
120	Creche Cosme e Damião ▲	Caminho do Brizolão, 10
121	Creche Estrelinha Feliz ▲	
122	Escolinha de Surf da Rocinha	

É importante salientar que essa listagem não traduz necessariamente o complexo de serviços e associativo disponível hoje na Rocinha. Não constam dela, por exemplo, os

programas desenvolvidos pela prefeitura num moderno prédio onde, no passado, funcionou um hotel de luxo, desativado exatamente em virtude do seu esvaziamento, decorrente do fato daquela ter se tornado uma área de risco. Por outro lado, não tivemos como checar se todos os programas listados continuam em funcionamento.

Temos observado em pesquisas em andamento, realizadas pelo LAV, que a vitalidade associativa e empreendedora nas comunidades pobres do Rio de Janeiro tem ensejado a criação de uma série de iniciativas de caráter informal, quase artesanal, que são desencadeadas, por vezes, pelo voluntarismo de um grupo restrito, quando não totalmente solitário, de determinadas pessoas. Dada a sua natureza, essas iniciativas surgem e terminam, ou se transformam, sem que se tenha de forma segura qualquer registro oficial ou mesmo oficioso, tornando virtualmente impossível estabelecermos uma estimativa das iniciativas em curso num certo momento. Ainda assim, é perceptível que a Rocinha conta com um associativismo vigoroso, e um leque amplo de serviço criados a partir de iniciativas de seus próprios moradores.

O vigor associativo e a diversidade de serviços existentes na Rocinha não deve, porém, disfarçar os efeitos nocivos que a violência implicada pelo tráfico de drogas acarreta para esse tipo de experiência comunitária. No período estudado, duas lideranças foram brutalmente assassinadas em decorrência de desentendimentos com criminosos e uma outra foi presa e processada, acusada de associação ao tráfico.. O primeiro e mais famoso crime vitimando um líder comunitário foi o assassinato do presidente da Associação Pró-melhoramentos da Rocinha, o comerciante conhecido como Zé do Queijo. Ele foi morto em 1985, exatamente por Dênis, quando tentou impedir a instalação de uma boca de fumo nas proximidades de seu estabelecimento comercial. Esse foi o momento em que Dênis começava a consolidar o comércio da droga na comunidade. Valendo-se de seu prestígio e não tendo ainda referência pretérita para avaliar até onde poderia ir a intrepidez do traficante, Zé do Queijo se tornou talvez o último exemplo de resistência aberta à ampliação do comércio varejista de drogas em uma comunidade pobre. Sua morte funcionou como uma espécie de aviso àqueles que ousassem se opor ostensivamente ao tráfico.

A segunda morte violenta vitimou Maria Helena Pereira da Silva, sucessora de Zé do Queijo, em novembro de 1987. Sua morte, no entanto, difere da que atingiu seu

antecessor. Mulher voluntariosa, Maria Helena foi assassinada no auge do referido confronto entre traficantes e o dono do jogo do bicho na comunidade. Segundo o relatado na imprensa à época, confirmado por um antigo comerciante por nós entrevistado, o responsável pela morte de Maria Helena teria sido Luís Carlos Batista, que controlava o jogo do bicho. Ainda segundo o que apuramos, Maria Helena teria agredido Luís Carlos, durante uma discussão sobre a doação de recursos para a comunidade, exigência dos traficantes para autorizarem a manutenção das apostas na Rocinha. Mesmo que Maria Helena não tenha sido executada por traficantes, fica patenteado que sua morte se dá em função de grande tensão na comunidade envolvendo como um dos atores o tráfico, que então se ampliava na comunidade.

O processo de sucessão de Maria Helena estendeu-se por meses, com lançamento e retirada de candidaturas. Candidatos abdicaram da postulação assumidamente por medo. Ao longo desse tempo, vários conflitos e alternâncias no controle do tráfico ocorreram, fazendo com que a comunidade vivesse um período conturbado e de insegurança.

O terceiro caso, mais recente, refere-se a uma respeitada liderança local que foi presa e acusada de conluio com o tráfico. Importa registrar que todos os nossos entrevistados enfatizaram que a referida liderança é inocente e que foi acusada por fazer algo que acaba sendo inevitável: atuando na comunidade, todos acabam tendo algum contato, por superficial que seja, com os traficantes. Afinal, na maior parte das vezes estes são moradores da comunidade desde pequenos. Essa constatação contradiz parcialmente a distância mantida pelo tráfico, anteriormente destacada dos depoimentos colhidos.

A preocupação em minimizar os efeitos devastadores da presença do tráfico não encontra equivalente, quando o assunto é a ação policial. A ação discricionária e violenta da polícia nas comunidades pobres do Rio de Janeiro é antiga e antecede o crescimento da rede varejista das drogas. Agressões, invasões de residências sem mandado judicial, intimidações de toda espécie fazem parte do modo tradicional da polícia lidar com os moradores das comunidades. Com o crescimento do tráfico e a consagração de seu combate como imperativo primeiro da ação policial, tal conduta se reconfigurou de forma dramática. As incursões passaram a ser abertamente armadas, assemelhando-se a

movimentos de forças militares em combate de guerra. A vulnerabilidade da população se tornou maior e o risco de violações passou a pôr sob ameaça a própria vida das pessoas. O pior é que, com a convicção de que o combate ao crime organizado só pode ser feito desse modo, uma parcela expressiva da chamada opinião pública passou a apoiar tais iniciativas, ignorando os seus efeitos sobre milhares de inocentes.

Nos idos dos anos 1980 e início da década posterior, a ocupação da polícia, quando da eclosão de conflitos entre facções do tráfico, era veiculada na imprensa como pacificadora e bem vinda pela população. Não tivemos como checar se tal imagem correspondia ao real sentimento da população. Em relação ao comércio, a ocupação policial, em momentos de crise, trazia efetivamente um retorno, ainda que provisório e precário, à normalidade. Pudemos notar pelos relatos colhidos na imprensa e de nossos entrevistados que o comércio é fortemente afetado, seja por ser obrigado a fechar suas portas, quando há confrontos, seja por serem objetos de pilhagem e extorsão, quando um grupo tentava se impor frente a outro.

Por outro lado, vale registrar as várias manifestações da comunidade em episódios específicos, como nas ocasiões da prisão de Dênis e da morte de Bolado. Outras várias ocorreram em protesto contra ações violentas da polícia. Nessas ocasiões, os moradores ocuparam o asfalto, obstruindo o trânsito da Avenida que margeia a parte baixa da comunidade, e colocando em pânico moradores e passantes da região.

Ainda sobre as relações com a polícia, pudemos observar agora, assim como em pesquisa anterior, que ela é identificada como a principal perpetradora de atos violentos e de desrespeito aos moradores, sobretudo jovens. Os policiais são descritos como truculentos, praticam extorsões e, segundo todos os depoimentos, recebem dinheiro dos traficantes para não atrapalharem o “negócio”. O pretexto de combater o tráfico, portanto, acabou funcionando para acirrar as formas de violação de direitos e do exercício discricionário da força por parte dos agentes do Estado.

BALANÇO SINISTRO DE UM CONFRONTO PERMANENTE

Em matéria publicada em 19 de fevereiro de 2006, o jornal *O Globo* dá conta de que em vinte anos de confrontos entre as facções do tráfico na Rocinha contabiliza-se cerca de 100 mortos ou desaparecidos. Em nosso levantamento, computamos noventa e

uma vítimas de homicídio em situações de enfrentamento. Levando-se em conta que nosso mapeamento se restringe apenas a mortes registradas na imprensa, trata-se, de fato, de um número bastante alto.

O perfil das vítimas também merece nota. Aparentemente, a maioria esmagadora das vítimas é composta por pessoas ligadas ao tráfico. Esse dado, porém, não minimiza a verdadeira catástrofe humanitária representada por tais mortes. Acrescente-se que dentre essas noventa e uma pessoas, oito eram seguramente inocentes arrastados inadvertidamente na torrente letal dos confrontos entre facções e entre estas e a polícia.

Mais difícil de se computar, mas também observado com frequência, temos as situações em que famílias inteiras são expulsas de suas casas. Nos depoimentos que colhemos, isso atinge em geral familiares de inimigos ou ex-comparsas que caem em desgraça frente à facção dominante. Em conversas informais, contudo, obtivemos indícios de que muitas vezes o tráfico ocupa casas consideradas estratégicas para a vigilância e segurança da boca, bem como para a agilização do comércio de drogas.

A reconstrução dos últimos vinte anos de confrontos armados, ainda que baseada em fonte reconhecidamente precária, como é o caso da imprensa, nos ajuda a problematizar algumas máximas incorporadas ao discurso público sobre violência e tráfico de drogas.

A primeira delas diz respeito ao caráter organizado da rede do tráfico. Ora, é fartamente documentado que atividades ilegais ou criminosas demonstram maior capacidade organizacional quanto menores são os conflitos e disputas em torno delas. Estas trazem instabilidade, obrigam os grupos a despenderem recursos materiais e pessoal para preservar suas posições, comprometem, enfim, o bom rumo dos negócios. Até pelo menos início dos anos 1990, os conflitos armados na Rocinha se dão basicamente entre grupos rivais que disputam os pontos, então em expansão, de vendas na favela. Por vezes, o grau de articulação foi tão precário que a comunidade viu-se literalmente dividida em duas: parte dela controlada por um grupo, e outra parte controlada por seu rival. Ainda nesse período, observa-se, também, uma rivalidade entre traficantes e o jogo do bicho. Apenas ao longo dos anos 1990 as forças policiais se tornam elas próprias co-protagonistas desses conflitos, o que não significa que elas já não funcionassem antes como perpetradora de violência na comunidade.

Outro ponto a ser destacado diz respeito à centralidade dos chefes do tráfico. Ao longo do período estudado até a sua morte, a figura de Denir Leandro da Silva paira como o grande *capo* do tráfico da Rocinha. Sua prisão, em 1988, foi alardeada pela polícia como um duro golpe perpetrado contra o comércio varejista de drogas local. De fato, Dênir foi uma figura de relevo no tráfico local. No entanto, seu controle do comércio de drogas na Rocinha nunca foi absoluto. Durante os cerca de dez anos em que foi tratado com destaque pela mídia, sua autoridade foi posta a prova várias vezes. Foi freqüente os chefes locais em liberdade ignorarem sua suposta primazia, recusarem-se a enviar a parcela que lhe cabia dos rendimentos auferidos pelas bocas e resistirem pelas armas àqueles que a mando seu tentaram retomar o controle das bocas.

Com isso, queremos enfatizar que: 1. a mera prisão de chefes do tráfico varejista pode causar instabilidade interna nos grupos, mas não chega a comprometer de forma decisiva o funcionamento do tráfico; 2. mesmo presos, os chefes são capazes de gerenciar os negócios, o que, por sinal, é condição necessária para sua sobrevivência no universo prisional. Isso, contudo, só é possível com base no uso da força e a um estado de alerta permanente; 3. Ao longo dos vinte anos cobertos pela presente pesquisa, observamos várias tentativas de ocupação armada de facções rivais àquela que mantinha o controle do comércio na Rocinha. Em nenhum dos casos tais tentativas foram bem sucedidas. Todas foram rechaçadas imediatamente ou em poucas horas. As alternâncias no poder ocorreram basicamente pela traição ou, em casos raríssimos, pela composição entre grupos cindidos de uma mesma facção. Essa tendência põe em dúvida a real capacidade logística e estratégica desses grupos. Instaladas em posições chave da comunidade, a quadrilha que controla o tráfico invariavelmente rechaça a invasora a despeito do contingente, do poderio bélico e das estratégias dessa última; 4. A maior parte dos conflitos têm origem em traições ou tentativas de um determinado chefe em desbancar seu superior. Isso parece indicar que mesmo na era das facções o comando é fortemente personalizado, o que revela limites do processo de organização desses grupos; 5. Embora lideranças nascidas na própria comunidade tendam a ser mais brandas no trato com a população, essa é uma regra com exceções. Apuramos vários casos de jovens violentos nascidos na comunidade que ascendem na hierarquia e espalham o pânico junto à população.

Do ponto de vista da vitimização letal e não letal de moradores, os indícios que podemos extrair são: 1. normalmente as mortes provocadas pelos conflitos entre facções atingem preferencialmente pessoas ligadas diretamente ao tráfico e, secundária e eventualmente, seus parentes. O mesmo ocorre com as “remoções” de famílias, quando há trocas de comandos e de facções. Não é incomum que famílias sejam desalojadas de suas casas ou intimadas a deixar a comunidade, sob o risco de serem mortas se não o fizerem. 2. Embora menos comuns, há vários casos registrados de famílias desalojadas sem que tenham qualquer um de seus membros ligados ao tráfico; 3. Vítimas sem qualquer vínculo com o tráfico, atingidas por bala perdidas, são observadas predominantemente quando há confronto de traficantes com policiais.

Finalmente, consideramos sintomática a resistência dos moradores em falar do tráfico. As razões para tal resistência, segundo pudemos apurar, são basicamente três: medo de possíveis retaliações; percepção de que a imagem da comunidade está muito associada ao tráfico e ao crime o que, além de não corresponder à verdade reforça o estigma que recai sobre os moradores de uma maneira geral; uma aberta hostilidade para com pesquisadores e jornalistas que “só se interessam pela comunidade para escrever trabalhos acadêmicos e matérias jornalísticas que não trazem qualquer benefício para a comunidade”. Independentemente do acerto dessas percepções, elas revelam que direta ou indiretamente o tráfico acaba condenando a comunidade ao silêncio e, por ele, reforçando os estigmas que lhe pesam.